

afrontamento; e) liberdade em condições; f) a eminente dignidade; g) o compromisso. Entretanto, o personalismo diverge do existencialismo na sua intenção inicial quando trata desses temas: os existencialismos sempre conservam uma nota especulativa e teórica quando fazem a leitura da condição humana, aparentando-se, assim, com a filosofia clássica, na tentativa de estabelecer uma nova ontologia. Ora, Mounier interessa-se em promover uma ação pedagógica, acentuando melhor a tensão entre natureza (matéria) e pessoa. Os valores são as significações da ação que vão assinalando e demarcando o movimento para o ser.

Mounier lutou pela renovação da sociedade com insistência semelhante à de Marx. Buscava uma filosofia para a ação transformadora do mundo. Sentia a necessidade de agir, de combater as “desordens” de seu tempo, de despertar o mundo adormecido na mediocridade. Postulava uma nova sociedade na qual fosse salvaguardada a dignidade da pessoa humana. Por isso, em sua reflexão, os conceitos prediletos são *pessoa*, *espiritual* e *valores*. Partindo da ideia do homem como pessoa, o personalismo de Mounier apresenta-se como um movimento de libertação do homem.

Em sua obra *O personalismo* (1949), Mounier afirma que o personalismo é uma filosofia, porque define estruturas no centro das quais introduz “um princípio de imprevisibilidade que afasta qualquer desejo de sistematização definitiva”.<sup>1</sup> Defende o lugar do espírito da criatividade para opções e rupturas sempre novas e renovadas. Busca uma estrutura aberta para livrar o ser humano de qualquer sistema opressor. Concorde com Marx que à filosofia não cabe apenas interpretar o mundo, mas transformá-lo, humanizando-o. Contudo, não apresenta um programa concreto e pronto de ação, pois este deve ser construído a partir da situação concreta. O personalismo é, pois, uma filosofia a caminho. Para ele, todavia, existem alguns critérios fundamentais de orientação: a dignidade da pessoa e o bem-estar da sociedade. Por isso, Paul Ricoeur afirma:

Sua grande contribuição ao pensamento contemporâneo foi, colocando-se acima de uma problemática filosófica no sentido estrito, acima das questões de ponto de partida, de método e de ordem, oferecer aos filósofos de profissão uma *matriz filosófica*, propor-lhes tonalidades, procedimentos teóricos e práticos capazes de uma e de várias filosofias, acrescidas de uma ou de várias sistematizações filosóficas.<sup>2</sup>

O pensamento de Mounier recebeu seu sopro vital de Charles Péguy. Conheceu o drama de Nietzsche e de Marx. Inspirou-se em

<sup>1</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O personalismo*. Lisboa: Martins Fontes, 1973, p. 17.

<sup>2</sup> RICOEUR, Paul. *Esprit*, p. 863, dez. 1950.

Jacques Maritain, Maurice Blondel, H. Bergson e outros. Por um lado, confronta seu pensamento com as ciências do homem, com seu método positivo, que tudo quer sujeitar à verificabilidade empírica. Por outro, confronta-se com as filosofias da existência — sobretudo com Gabriel Marcel —, as quais tematizam a liberdade, a interioridade, a comunicação e a transcendência. De modo semelhante ao movimento de renovação marxista, na França, tentou libertar o pensamento contemporâneo das mistificações idealistas, vinculando-o aos problemas práticos da vida.

O termo *personalismo*, para Mounier, significa: “O universo da pessoa constitui o universo do homem”. A dignidade do homem é ser pessoa. A pessoa humana tem caráter singular, dignidade intocável e uma transcendência que supera o materialismo, o coletivismo e o imantismo. O homem não é apenas um ser pensante, mas alguém que ama, que valoriza, toma posições e age. Em sua liberdade, a pessoa pode realizar-se ou degradar-se a mera coisa. Na autorrealização, a pessoa sempre está relacionada com outras pessoas, numa existência dialógica, e através delas se orienta para o Deus pessoal.

Mounier parte de uma concepção dramática da existência humana. Postula a ação revolucionária, a conversão pessoal, a fidelidade, o diálogo, o engajamento e a aventura como exigências da pessoa encarnada para romper a rotina que a escraviza na história concreta. O valor e a dignidade da pessoa humana só podem ser garantidos onde a sociedade e a pessoa reconhecem um Deus pessoal. Do contrário, a pessoa humana sempre estará ameaçada a ser vítima do poder, seja do Estado, do Capital ou de determinada classe.